

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS
(MESTRADO)**

Instituto de Letras e Artes

- Lingüística Aplicada
- Teoria da Literatura
- Recredenciado pelo Parecer nº 639/93 do C.F.E. de 07/10/93
- Conceito CAPES: A

Informações: ILA - Fone/Fax: (051)320-3676

Aspectos da sintaxe e da aquisição da Língua Brasileira de Sinais

RONICE MÜLLER DE QUADROS¹
PUCRS

As línguas de sinais, tais como a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e a Língua de Sinais Americana – ASL – são línguas que expressam a capacidade para a linguagem do ser humano assim como quaisquer outras línguas, independente da modalidade visual-espacial que apresentam (Quadros 1997). Esse fato é captado por Chomsky (1995a, p. 434, nota 4) que observa que o termo “articulatório” não se restringe à modalidade das línguas faladas, mas expressa uma forma geral da linguagem ser representada no nível de interface articulatório-perceptual, incluindo, portanto, as línguas sinalizadas. Considerando os aspectos lingüísticos abordados no Programa Minimalista (Chomsky 1993, 1995), percebe-se que, de fato, as línguas de sinais podem servir para exemplificar as características da faculdade da linguagem.

A LIBRAS, usada pela comunidade surda brasileira em todo o país, é uma língua organizada espacialmente e de forma altamente restringida. Analisar alguns aspectos da sintaxe de uma língua de sinais requer “enxergar” esse sistema que é visual-espacial e não oral-auditivo. Por um lado, tal desafio apresenta certo grau de dificuldade aos lingüistas; no entanto, abre portas para a Teoria da Gramática enquanto manifestação possível da capacidade da linguagem humana. A organização espacial da LIBRAS, assim como da ASL – Língua de Sinais Americana – (Siple, 1978; Lillo-Martin, 1986; Fischer, 1990; Bellugi, Lillo-Martin, O’Grady e vanHoek,

¹ Doutoranda do Departamento de Pós-Graduação em Letras da PUCRS – área de concentração: Lingüística Aplicada – com o suporte financeiro da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Agradeço à colega Doutoranda Ingrid Finger pela cuidadosa leitura deste artigo e pelas sugestões dadas a este trabalho.

1990), apresenta possibilidades de estabelecimento de relações gramaticais de diferentes formas. O estabelecimento nominal no espaço e o uso do sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas. Qualquer referência usada no discurso na LIBRAS requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do corpo do sinalizador) observando várias restrições. Esse local poderá ser referido através de indicação ostensiva (pronomes), coindexado ou incorporado aos sinais observando as restrições impostas ao sistema.²

Enquanto uma *E-language*, a LIBRAS apresenta variações de ordem lexical e expressões típicas de cada região, refletindo as características do caráter epifenomenal das línguas.³ Por exemplo, os sinais para MÃE e PAI no Rio Grande do Sul são diferentes nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A representação escrita da LIBRAS ilustra essa variação em (1) e (2).⁴

(1) Rio Grande do Sul



MÃE

PAI

(2) Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais



MÃE

PAI

Enquanto uma manifestação de *I-language*, a LIBRAS pode ser um exemplo da interação de princípios de economia. Analisar a operação *Move* nessa língua possibilita, por exemplo, observar as restrições impostas por tais princípios em uma língua visual espacial⁵. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo

² Para mais detalhes, ver Quadros (1997).

³ *E-language* (linguagem-E) é um conceito técnico de linguagem como instância da linguagem externalizada, no sentido de construto independente das propriedades da mente/cérebro com caráter essencialmente epifenomenal. Epifenômenos são fenômenos adicionais que se sobrepõem a outros, mas sem modificá-los nem exercer sobre eles nenhuma influência. As línguas - *E-languages* - são epifenomenais porque envolvem vários fenômenos (de ordem social, política, emocional, etc.) que não influenciam a faculdade da linguagem - *I-language*.

⁴ Nem todos os exemplos serão escritos usando a representação escrita das línguas de sinais por limites técnicos. Os exemplos escritos na LIBRAS oferecem indícios visuais do uso sintático do espaço.

⁵ *Move* α é uma generalização para captar todos os movimentos: qualquer categoria α (Sintagma Nominal - NP - Sintagma Verbal - VP - etc.) pode ser movida para outra posição, através de substituições ou adjunções.

apresentar alguns aspectos da sintaxe espacial da LIBRAS que podem servir como referência nos estudos por uma teoria da gramática (tais análises estão mais relacionadas com a questão do movimento - *Move*). Além disso, objetiva situar pesquisas realizadas sobre a aquisição de tais aspectos nas línguas de sinais, em especial, na ASL, que podem indicar a existência de universais linguísticos.

ASPECTOS DA SINTAXE DA LIBRAS*

A ordem linear na LIBRAS

A LIBRAS, conforme aponta Felipe (1989), apresenta a prevalência da ordem SVO quando o sujeito e o objeto estão explícitos nas sentenças. Por exemplo, as sentenças (3) e (4):

(3) JOÃO AMAR ELA MARIA.

João ama Maria.

(4) MARIA GOSTAR ELE JOÃO.

Maria gosta de João.

No entanto, Felipe observou que a maior parte das sentenças não apresentam uma ordem rígida, devido à presença de sujeitos omitidos e à dependência de elementos introduzidos no discurso. Siple (1978) mencionou a aparente flexibilidade da ordem da ASL, que há muito vem sendo analisada. Fischer (1990) constatou que tal língua de sinais apresenta a ordem básica SVO.

Quadros (1995) analisou as instâncias de categorias vazias argumentais na LIBRAS. Tanto a posição de sujeito como de objeto podem ser omitidas na LIBRAS, à medida que restrições quanto à classe de verbos e à dependência de elementos do discurso sejam observadas, assim como observa Felipe. Nessas sentenças, a ordem SVO é mantida, pois a categoria vazia que "ocupa" as posições de sujeito e objeto apresentam realidade sintática, fato que é verificado através da contra-parte fonética das posições vazias, conforme ilustram os exemplos (b) de (5) e (6). Os traços- ϕ e de Caso dessas posições são checados independente de serem pronunciados ou não.

* Os aspectos abordados nesta seção fazem parte da tese de doutorado de Quadros (em elaboração).

(5) a. e PEGAR_b e
(elea) pegou (eleb).

b. ELE PEGAR_b ELE
Ele pegou ele.

(6) a. EU PENSAR e DIZER_y e e PRECISAR e PAGAR_{ab}
LUZ.

Eu pensei que (elej) havia dito para (eley) que (eley) precisava (eley) pagar a luz (para alguém).⁷

b. EU PENSAR ELE_i DIZER_y ELE_y ELE_y PRECISAR
ELE_y PAGAR_{ab} LUZ.

Eu pensei que (elej) havia dito para (eley) que (eley) precisava (eley) pagar a luz (para alguém).⁷

Em todos esses exemplos, é possível não pronunciar o sujeito e o objeto que são facilmente recuperáveis mediante contexto sintático. Isso acontece tanto com sujeitos e objetos de orações principais (em (5)), bem como com orações subordinadas (em (6)). Em todos esses contextos, a ordem é SVO.

Vale acrescentar mais alguns exemplos na LIBRAS, tais como:

(7) ELE ELA SAIR.
Ele e ela saíram.

(8) a. JOÃO ELA MARIA AJUDAR_b.
João ajuda Maria.

b. JOÃO ELA MARIA AJUDAR_a.
Maria ajuda João.

O exemplo em (7) ilustra a inexistência do objeto e, portanto, a ordem SV. Os exemplos em (8) parecem ilustrar a ordem SOV. No entanto, tais exemplos apresentam pronomes nulos incorporados ao verbo que são recuperados da mesma forma que foi explicitado no exemplo em (5). As duas sentenças em (8) apresentam a mesma estrutura, mas a direção de cada realização determina qual o sujeito e qual o objeto. Isso é facilmente identificado na análise da escrita da LIBRAS que aparece acima de cada tradução para o português. A retomada desse tipo de exemplo faz-se necessária à medida que se considere a possibilidade dessas estruturas serem analisadas como tendo verbo final. Em (9) estão ilustrados com pronomes pronunciados.

(9) a. JOÃO ELA MARIA ELE AJUDAR_b ELA.
João ajuda Maria.

b. JOÃO ELA MARIA ELA AJUDAR_a ELE.
Maria ajuda João.

Estruturas com verbos duplos na LIBRAS parecem apresentar um verbo final (JOÃO ACEITAR NAMORAR ACEITAR). Tais ocorrências duplas refletem um mecanismo que não é restrito ao verbo, mas ocorre com vários constituintes nessa língua. Torna-se necessário analisar o estatuto do item repetido (inicia-se tal análise na próxima seção).

Pode-se sugerir que as evidências empíricas da LIBRAS sustentem a hipótese da ordem básica SVO, apesar da existência de exemplos de sentenças com verbos intransitivos que ilustram a ordem SV e de sentenças com verbos que denotam fenômenos de indicação do tempo que, em geral, apresentam a ordem VO.

Esses dados favorecem a proposta de Kayne (1994) quanto à existência de uma ordem básica SVO com base em LCA (axioma da ordem linear).

WH e outros constituintes duplos na LIBRAS

A existência de construções com WH duplos na ASL é um importante argumento para a hipótese do movimento para a esquerda. Considerando a proposta de Petronio e Lillo-Martin (1996) de que a segunda ocorrência de WH ocupa a posição de núcleo de CP e a proposta de Neidle; Kegl; Bahan; Aarons e Maclaughlin (*in press*) de que a primeira ocorrência de WH ocupa a posição de tópico, serão analisadas as propriedades dos elementos WH em construções duplas na LIBRAS.⁷

Na LIBRAS, construções com WH duplos e com outros elementos da sentença duplos são muito comuns. Os exemplos (10) a (18) ilustram essas ocorrências:

(10) _____ wh
QUEM GOSTAR JOÃO QUEM
Quem gosta do João?

(11) _____ wh
O QUE JOÃO COMPRAR O QUE
O que João comprou?

(12) _____ wh
POR QUE IR_b PORQUE
Por que você foi lá?

⁷ A partir daqui, Neidle; Kegl; Bahan; Aarons e Maclaughlin serão referidos como ABNK.

(13) _____ ênfase
 JUIZ DETERMINAR, PRECISAR SAIR PRECISAR.
Como o juiz determinou, é preciso sair (se retirar).

(14) _____ neg
 NUNCA IR, SOCIEDADE NUNCA.
Nunca fui à sociedade.

(15) _____ ênfase
 TODOS IR, SEMPRE SOCIEDADE TODOS.
Todos vão sempre à sociedade.

(16) _____ ênfase
 EU ADORAR DOCE ADORAR.
Eu adoro doce.

(17) _____ positiva
 EU QUERER IR, SOCIEDADE QUERER.
Eu quero ir à sociedade.

Em (10), há uma duplicação do elemento WH que ocupa a posição de sujeito. (11) apresenta um elemento WH duplo de um WH objeto. Em ambos exemplos, os elementos WH sujeito e objeto estão movidos para Spec de CP formando cadeias. Os elementos WH duplicados ocupam a posição final das sentenças. Em (12), há a duplicação de um WH adjunto. (13) a (17) ilustram a duplicação de modais, de quantificadores e de verbos duplos, assim como foi ilustrado na ASL por Petronio e Lillo-Martin que apresentam uma análise unificada para tal duplicação. Segundo a proposta dessas autoras, os elementos duplos servem como ênfase e foco. Essa análise pode ser estendida para a LIBRAS. Talvez poder-se-ia analisar tais ocorrências duplas como elementos de concordância, assim como proposto por Kayne (1994) para línguas com núcleo final. Embora a LIBRAS não seja uma língua de núcleo final, parece que tal sugestão seria interessante para a análise de construções duplas.

ABNK sugerem que há um constituinte WH singular mais um WH adicional na posição de tópico ou *tag question*. No entanto, essa análise não parece apropriada para a LIBRAS. Na LIBRAS, as construções com WH duplos, análogas às sentenças usadas como exemplos de *tag questions* na ASL, não apresentam a quebra típica de *tag questions* antes da segunda ocorrência de WH. Parece, portanto, que tais exemplos não podem ser considerados da mesma forma.

Quanto à proposta de que a primeira ocorrência de WH se dá na posição de tópico, exemplos da LIBRAS sugerem alguns proble-

mas. A existência de quebra em construções com *tag questions* pode ser estendida às construções com tópicos na própria ASL, conforme observa Petronio e Lillo-Martin. Os tópicos na ASL ocorrem tipicamente com um marcador de tópico e seguidos por uma quebra na prosódia. A palavra WH no início das sentenças com WH duplos não apresentam essas características, evidenciando que esse elemento não é um tópico. Na LIBRAS isso também é observado, conforme ilustra a escrita da LIBRAS nos exemplos (18) e (19):

(18) _____ topic
 MARIA, EU PENSAR MARIA IRMÃ TUA.
 Maria... Eu pensei que a Maria fosse sua irmã.



(19) _____ wh
 DE QUEM JOÃO GOSTAR QUEM
 De quem João gosta?



Um segundo problema para as análises de ABNK é que a LIBRAS apresenta ocorrências de simultaneidade do elemento WH na posição gerada na base e na outra posição:

(20) _____ w/h
 QUEM JOÃO ENCONTRAR ONTEM QUEM
 Quem João encontrou ontem?

(21) _____ w/h
 JOÃO ENCONTRAR QUEM ONTEM QUEM
 João encontrou quem ontem?

Os exemplos na ASL análogos a (20) e (21) na LIBRAS são utilizados por ABNK para afirmar que a gramaticalidade das sentenças depende da localização em que os elementos WH são gerados. Para ABNK, o elemento WH somente pode ocorrer uma vez na sentença, a não ser que a outra ocorrência seja um tópico. Segundo suas análises, um exemplo análogo a (21) na ASL seria agramatical por-

que apresenta duas instâncias do elemento WH, isto é, uma ocupando a posição de WH *in situ* e a outra ocupando a posição do WH movido, como se fosse uma cópia com realização fonológica. No entanto, (21) apresenta essas ocorrências de WH e é gramatical, fato que enfraquece a proposta de ABNK. A proposta de Petronio e Lillo-Martin para sentenças na ASL com WH duplos é de que o elemento duplo final é gerado na base na posição de núcleo com o traço [+Foco] em CP; assim, não há ocorrências de sintagmas duplos, apenas núcleos podem ser repetidos na ASL e, portanto, ocupam uma posição nuclear. Essa proposta consegue captar a realização de elementos duplos na LIBRAS.

Um outro problema para essa análise é observado por Petronio e Lillo-Martin. Considerar a proposta de ABNK exige explicar as restrições apresentadas por Epstein (1992) que se aplicam aos elementos-WH ocupando a posição de tópicos. O exemplo (22) ilustra o argumento do autor (Epstein 1992: 247):

- (22) a. [_{CP} who_i [_{IP} t_i said [_{CP} that [_{IP} Mary_j [_{IP} John likes t_j]]]]]
 b. *[[_{CP} who_i [_{IP} t_i said [_{CP} that [_{IP} who_j [_{IP} John likes t_j]]]]]]]

Há uma derivação mais curta que mantém a palavra WH *in situ* com a mesma representação em FL; assim, antes de *Spell-out*, o elemento WH não é topicalizado. Somente em FL o elemento WH move-se saltando para Comp [+WH] conforme prevê o filtro que determina que uma representação em FL com sintagma WH deve ocupar um Comp [+WH]. Assim sendo, ter-se-á (23) com um único movimento, uma derivação mais curta e, portanto, mais econômica.

- (23) [_{CP} who_i [who_i] [_{IP} t_i said [_{CP} that [_{IP} John likes t_j]]]]]

Epstein explica o fato de (23) apresentar um movimento mais longo do que (22b) através do princípio de economia que bloquearia corretamente a topicalização antes de *Spell-out*, uma vez que a topicalização representaria um movimento extra desnecessário. Sempre haverá uma derivação mais curta que resultará na mesma representação em FL ocupando Comp [+WH] bloqueando a derivação com WH topicalizado.

Apesar de as afirmações de Kayne (1994) dizerem respeito às línguas de núcleo final, sua análise pode ser considerada, também, aqui, especialmente no que se refere à possibilidade de aglutinação de X e Y (elementos que expressam uma relação necessária de concordância e não se unem). É possível que os elementos repetidos na LIBRAS expressem concordância. Isso parece ser uma proposta interessante em favor de LCA, pois elementos WH na LIBRAS podem ser omitidos da mesma forma que o que ocorre com sujei-

tos e objetos. O que licencia sujeitos e objetos nulos na LIBRAS são os traços de concordância (ver Quadros, 1995). Se o elemento duplo é permitido em função da concordância, conforme sugere Kayne, o WH repetido na LIBRAS será um elemento licenciado numa relação de concordância. Talvez essa hipótese possa ser associada à proposta de Petronio e Lillo-Martin. O traço [+Foco] pode ser uma instância dos traços que permitem que a concordância seja efetivada.

A marcação não manual na LIBRAS

A argumentação de ABNK a favor do movimento para a direita baseia-se na análise dos marcadores não manuais. Petronio e Lillo-Martin assumem, concordando com ABNK, que há um marcador não manual WH associado a questões interrogativas WH. No entanto, tais propostas diferem quanto à distribuição da marcação não manual na sentença, isto é, o fato de a marcação não manual se espalhar ou não sobre as sentenças. Na LIBRAS, tais marcadores também se manifestam nas estruturas interrogativas (exemplos (24) a (26)).

(24) JOÃO COMPRAR CARRO

João comprou um carro.



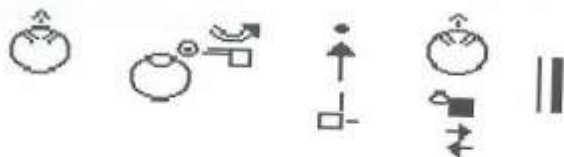
(25) _____ y/n

JOÃO COMPRAR CARRO

João comprou um carro?



(26) $\frac{\quad}{\text{JOÃO COMPRAR O QUE}} \text{wh}$
João comprou o quê?



O exemplo (24) é uma sentença declarativa simples onde não há nenhum tipo de marcação não manual. Os exemplos seguintes apresentam essa marcação espalhada por toda sentença, conforme a indicação da linha acima de cada exemplo. Em (25), há uma marcação não manual para uma questão *yes/no*. Em (26) a marcação é para uma questão WH. A escrita da LIBRAS embaixo de cada exemplo ilustra essa diferença através das diferentes representações da marcação não manual expressas pelas expressões faciais.

Conforme as análises de ABNK, tais marcações podem ou não se espalharem sobre a sentença observando as relações de dominância (c-comando). Através de exemplos com ou sem esse espalhar-se, as autoras defendem o movimento-WH para direita. Na LIBRAS, a distribuição desse fenômeno sobre a sentença não apresenta a mesma flexibilidade sobre as sentenças interrogativas. Os exemplos (27) e (28) não são aceitáveis:

(27) $\frac{\quad}{\text{???JOÃO COMPRAR CARRO}} \text{y/n}$
João comprou um carro?

(28) $\frac{\quad}{\text{???JOÃO COMPRAR O QUE}} \text{wh}$
João comprou o quê?

Diante desses exemplos, parece que na LIBRAS o marcador não manual WH ocorre simultaneamente com todos os sinais da sentença WH de forma sistemática. Essa análise é compatível com as propostas da Petronio e Lillo-Martin, pois essas autoras não concordam com a gramaticalidade dos exemplos de sentenças interrogativas WH apresentados por ABNK. O argumento das autoras a favor da obrigatoriedade da marcação não manual se espalhar sobre as sentenças WH na ASL está relacionado com a combinação de traços de Spec CP com seu núcleo C⁰ que expande a sua marcação no seu domínio. Uma das vantagens desse argumento sobre a

análise de ABNK é o fato de captar, além da ASL, outra língua de sinais, a LIBRAS. Além disso, tal proposta pode estar relacionada com a concordância em sentenças em que há ocorrência de elementos duplos (conforme mostram os exemplos de (10) a (17), todas as sentenças com elementos duplos estão associadas a um tipo de marcação não manual, embora apresentem estatuto diferenciado em termos gramaticais). Outra vantagem, na verdade a mais importante, relaciona-se com uma necessidade conceptual, pois a opção por essa análise mantém uma generalização quanto à direção do movimento: o movimento WH é para a esquerda, observando o LCA (Kayne, 1994).

Distribuição e direcionalidade dos movimentos WH na LIBRAS

Na LIBRAS, os sintagmas WH podem aparecer *in situ* ou podem mover-se, da mesma forma que na ASL. Os exemplos (29) e (30) ilustram sintagmas WH *in situ*; (31) e (32) ilustram movimentos:

(29) $\frac{\quad}{\text{QUEM AMAR MARIA}} \text{wh}$
Quem ama Maria?

(30) $\frac{\quad}{\text{JOÃO AMAR QUEM}} \text{wh}$
João ama quem?

(31) $\frac{\quad}{\text{[}_{\text{CP}} \text{QUEM [}_{\text{IP}} \text{t AMAR MARIA]}} \text{wh}$
Quem ama Maria?

(32) $\frac{\quad}{\text{[}_{\text{CP}} \text{QUEM [}_{\text{IP}} \text{JOÃO AMAR t]}} \text{wh}$
Quem João ama?

(29) e (30) apresentam elementos WH ocupando a posição de sujeito no início da sentença e a posição de objeto no final da sentença, respectivamente. Os exemplos (31) e (32) ilustram sentenças semelhantes, que apresentam, no entanto, movimento dos elementos WH. Os exemplos que mostram o elemento WH movido da posição do objeto para a esquerda motivam a análise em favor do movimento WH para esquerda. Isso é o que está ilustrado em (32).

Há ocorrências de sentenças WH com WH sujeito ocupando a posição final da sentença na LIBRAS, conforme ilustra o exemplo a seguir:

- (33) _____ wh
AMAR JOÃO QUEM
Quem ama João?

ABNK usam exemplos na ASL análogos a (33) para ilustrar o movimento WH para direita. ABNK buscaram evidenciar, através da marcação não manual sobre o domínio de CP, o quanto suas análises desfavoreciam a generalização do movimento WH ser para a esquerda, propondo que não haveria outra alternativa a não ser quebrar com a generalização de que os movimentos são para a esquerda. Os autores apresentam exemplos com diferentes distribuições da marcação não manual (algumas delas mencionadas na seção anterior).

Na LIBRAS, tais análises acarretam alguns problemas, pois, conforme foi ilustrado nos exemplos (27) e (28), a LIBRAS não apresenta a distribuição proposta por ABNK. Assim sendo, a base desse argumento não se aplica à LIBRAS. Apresenta-se a seguinte questão: como explicar a sentença (33) considerando a hipótese do movimento WH para esquerda em direção à Spec de CP?

A proposta de Petronio e Lillo-Martin para sentenças na ASL análogas a (33) baseia-se na existência de elementos WH nulos. Essas sentenças apresentam os elementos WH iniciais nulos recuperáveis mediante o contexto lingüístico.

Na LIBRAS, essa análise é favorecida tendo em vista a ocorrência de questões curtas com o elemento WH nulo. Os exemplos (34) a (36) da LIBRAS são análogos aos exemplos mencionados por Petronio e Lillo-Martin.

- (34) _____ w/h
e NAME
Qual é o seu nome?
- (35) _____ w/h
e IDADE
Qual é a sua idade?
- (36) _____ w/h
e ENDEREÇO
Qual é o seu endereço?

Os exemplos de movimento WH na LIBRAS predizem o movimento para a esquerda. Parece haver alguns exemplos que ilustram o movimento para a direita; no entanto, tais exemplos podem ser analisados através da hipótese do movimento para a esquerda sem custo adicional para a teoria. Portanto, sugere-se que a melhor hipótese é a do movimento WH para a esquerda de acordo

com a generalização de que o movimento ocorre para a esquerda. Da mesma forma que a ASL, segundo a proposta de Petronio e Lillo-Martin, a LIBRAS apresenta evidências de que parece ser mais natural que o movimento ocorra para esquerda. Assim sendo, se a direcionalidade apresentar relevância para a teoria da gramática, havendo alguma condição que restrinja o movimento para a esquerda, estar-se-á ultrapassando a questão da modalidade das línguas na faculdade da linguagem.

AQUISIÇÃO DA SINTAXE ESPACIAL¹

Todas as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre a aquisição das línguas de sinais evidenciam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos. Normalmente, as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos. Somente esse grupo de crianças surdas apresenta o *input* lingüístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição. Entretanto, ressalta-se que essas crianças representam apenas de 5% a 10% das crianças surdas.² No Brasil, os estudos envolvem crianças surdas filhas de pais surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Considerando que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas, as seções seguintes estão subdivididas nos estágios de aquisição adotados nos estudos sobre a aquisição da linguagem. O estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal serão enfatizados tendo em vista que tais tópicos são fundamentais para o estabelecimento de relações espaciais.

Período pré-lingüístico

Petitto e Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses

¹ Os aspectos abordados nesta seção fazem parte da dissertação de mestrado de Quadros (1995).

² Esse dado não é oficial, mas é parcialmente confirmado pela dificuldade quando da seleção dos sujeitos informantes desta pesquisa que foram em número bastante reduzido e não representam todos os estágios da aquisição. Nos Estados Unidos, Lillo-Martin (1986) apresenta esse mesmo percentual.

de idade). O balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês independente da língua e; portanto, reflete a capacidade humana para a linguagem. As autoras constataram que essa capacidade é manifestada não somente através de sons, mas, também, através de sinais. Nos dados analisados por Petitto e Marantette foram observadas todas as produções orais para detectar a organização sistemática desse período. Também foram observadas todas as produções manuais tanto dos bebês surdos como dos bebês ouvintes para verificar a existência ou não de alguma organização sistemática.

Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. A gesticulação, ao contrário, não apresenta organização interna.

Os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. É por isso que os estudos afirmavam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de uma das formas de balbuciar.

As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver, no ser humano, uma capacidade lingüística que sustenta a aquisição da linguagem independentemente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.

Estágio de uma palavra

O estágio de uma palavra ou um sinal inicia por volta dos 12 meses da criança surda e vai até por volta dos 2 anos. Karnopp (1994) cita estudos que apontam o início do estágio de um sinal por volta dos 6 meses em bebês surdos, filhos de pais surdos, adquirindo língua de sinais. Por outro lado, sabe-se que os estudos de crianças adquirindo línguas orais iniciam esse período por volta dos 12 meses. Lillo-Martin (1986) observa que as razões dadas para explicar tal diferença cronológica baseiam-se na diferença que existe no desenvolvimento dos mecanismos físicos (mãos e trato vocal). Entretanto, Petitto (1987) argumenta que a criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos 14 meses, analisando essa produção gestual como

parte do balbucio, período pré-lingüístico. As primeiras produções na ASL incluem as formas chamadas "congeladas" da produção adulta. São sinais que não são flexionáveis, tipo MOTHER na ASL. Quando um sinal apresenta flexões no padrão adulto, a criança usa formas morfofonêmicas.

Petitto e Bellugi (1988) observaram que as crianças surdas com menos de 2 anos não fazem uso dos dispositivos indicativos da ASL. Os dispositivos indicativos envolvem o sistema pronominal das línguas de sinais. As crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, freqüentemente apontam para indicar objetos e pessoas. Contudo, quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que, nesse período, parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-lingüística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (lingüística).

Estágio das primeiras combinações

As primeiras combinações de sinais das crianças surdas surgem por volta dos 2 anos de idade. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observaram que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é SV, VO ou, ainda, num período subsequente, SVO. Meier (1980) verificou que a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Meier (1980) observou que, assim como em Japonês e em Croata, nem todos os verbos da ASL podem ser flexionados para marcar as relações gramaticais em uma sentença. Há alguns tipos de verbos que apresentam limitações lexicais e fonológicas para incorporar os pronomes como, por exemplo, os verbos "ancorados no corpo", como GOSTAR e PENSAR na LIBRAS (conforme ilustrado pela escrita dessas palavras em (37)). Isso sugere que as crianças surdas devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras. A incorporação dos indicadores envolve a concordância verbal, e essa depende diretamente da aquisição do sistema pronominal.

(37) GOSTAR PENSAR APRENDER



No estágio em discussão, as crianças já começam a usar o sistema pronominal, mas de forma inconsistente. Petitto (1986) observou que, nesse período, ocorrem 'erros' de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças que adquirem línguas orais-auditivas. As crianças usam a apontação direcionada ao receptor para referirem-se a si mesmas. A princípio, constatar esse tipo de erro nas crianças surdas causa uma certa surpresa, devido à "aparente" transparência entre a forma de apontação e o seu significado. Produzir esse tipo de erro e evitar o uso dos pronomes são fenômenos diretamente relacionados com o processo de aquisição da linguagem.

Petitto descarta a hipótese de mudança de perspectiva, pois, no caso das línguas de sinais, se essa hipótese fosse verdadeira, as crianças deveriam apresentar erros em todos os sinais. Para Petitto, a criança usa o sinal 'YOU' como um item "congelado", não dêitico, não recíproco e que refere somente a ela.

Petitto (1987) concluiu que, apesar da aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções lingüísticas que apresenta. Se as crianças não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e o seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais.

Esse estudo revela evidências da descontinuidade da transição dos fatores pré-lingüísticos aos lingüísticos. Petitto afirma que aspectos da estrutura lingüística e da sua aquisição, parecem envolver conhecimentos específicos da linguagem. Ela conclui que, apesar da relação entre a forma e o símbolo, a apontação e seu significado, a compreensão das funções da apontação dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A idéia de que a gesticulação pode funcionar lingüisticamente é tão forte que anula a transparência indicativa da apontação.

As semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças ouvintes e surdas sugerem um processo universal de aquisição de pronomes, apesar da diferença radical na modalidade.

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou algumas combinações de sinais, normalmente, envolvendo dois a três sinais.¹¹ F omitiu o sujeito de referentes presentes somente quando esse era óbvio

¹¹ Os nomes dos informantes observados por Quadros (1995) foram substituídos por letras maiúsculas. Cinco crianças foram observadas: F tinha 2:04 anos de idade, D 3:05, L 3:03, G 5:11 e M 6:04.

(presente no contexto do discurso), mas normalmente pronunciou o sujeito. Não foi observada a omissão do objeto nesse período. Certamente, a razão de terem aparecido sujeitos, mas não objetos nulos, está relacionada ao uso sintático do espaço que ainda não é observado de forma consistente nesse período. Deve-se ressaltar que F não estabeleceu a terceira pessoa em (38b) em um ponto do espaço. Tal referência foi interpretada como terceira pessoa mediante o contexto e não mediante a utilização de recursos sintáticos. Nos dois casos, o verbo não foi flexionado; pode-se sugerir, portanto, que F usa apenas formas "congeladas", pois IR é um verbo com concordância na LIBRAS e F usou-o sem flexioná-lo.

(38) F (2:4)

- a. AULA, IR.
'(Eu) vou à aula'.
- b. TRÊS, BRINCAR AQUI.
'(Eles) três brincam aqui'.

Exemplos como os ilustrados em (39) mostram que F já usa o sistema pronominal com referentes presentes de forma adequada.

(39)

- a. EU, SAIR, TCHAU!
'Eu estou saindo. Tchau!'
- b. ELE, OLHAR ELE.
'Elei olhou para elej'.

Estágio de múltiplas combinações

Em torno dos 2 anos e meio a 3 anos, as crianças surdas apresentam a chamada "explosão do vocabulário". Lillo-Martin (1986) cita que, nessa fase, começam a ocorrer distinções derivacionais (por exemplo, a diferenciação entre CADEIRA e SENTAR). As crianças começam a usar formas idiossincráticas para diferenciar nomes e verbos. O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é totalmente adquirido por volta dos 5 anos.

Segundo Bellugi e Klima (1990), a criança surda ainda não usa os pronomes identificados espacialmente para referir-se às pessoas e aos objetos que não estejam fisicamente presentes. Ela usa substantivos não associados com pontos no espaço. Mesmo quando a criança apresenta algumas tentativas de identificação de pontos no espaço, ela apresenta falhas de correspondência entre a pessoa e o ponto espacial. Com referentes presentes no discurso, já há o uso

consistente do sistema pronominal e inclusive indicações espaciais (ostensivas).

Dos 3 anos em diante, as crianças começam a usar o sistema pronominal com referentes não presentes no contexto do discurso, embora ainda apresentem erros. Algumas crianças “empilham” os referentes não presentes em um único ponto do espaço. Petitto e Bellugi (1988) observaram que, entre 3 e 3 anos e meio, as crianças usam a concordância verbal com referentes presentes. Entretanto, elas flexionam alguns verbos cuja flexão não é aceita nas línguas de sinais. Bellugi e Klima (1990) identificam essa flexão generalizada dos verbos nesse período como “supergeneralizações”, considerando esse fenômeno análogo à generalizações verbais como ‘fazi’, ‘gosti’ e ‘sabo’ no português. Meier (1980) detectou esse uso supergeneralizado observando que, nesse período, as crianças usam os verbos como pertencentes a uma única classe verbal na ASL, a classe dos verbos com concordância, chamada por ele de verbos direcionais.

Segundo Bellugi, Lillo-Martin, O’Grady e vanHoek (1990), por volta dos 4 anos, a concordância verbal ainda não é utilizada corretamente. Quando as crianças deixam de “empilhar” os referentes em um único ponto, elas estabelecem mais de um ponto no espaço, mas de forma inconsistente, pois não estabelecem associações entre o local e a referência, dificultando a concordância verbal. É entre 5 e 6 anos que as crianças utilizam os verbos flexionados de forma adequada.

Considerando o *input* natural ao qual as crianças surdas analisadas nessas pesquisas têm acesso, a aquisição da ASL parece seguir um curso lingüisticamente similar ao desenvolvimento das línguas orais.

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou que, por volta dos 3 anos e meio, ocorre o uso de concordância verbal com referentes presentes, assim como ilustrado em (40). Com referentes não presentes, houve algumas ocorrências, mas de forma inconsistente, pois o estabelecimento e a identidade dos pontos no espaço não foram identificados de forma substancial, conforme é observado nos exemplos em (41).

(40) L (3:03)

a. PEGAR₁.

‘(Elei) pegou (elej)’.

b. CONSERTAR₁ QUEBRAR₁.

‘(Eu₁) estou consertando (elei), (elei) quebrou’.

c. TOMAR-BANHO₁ FICAR₁.

‘(Elek) continua tomando banho’.

(41) L (3:03)

a. CARRO₁ IR₁ CASA₁.

‘(Elek) foi de carro para casa’.

M (3:05)

b. DAR₁ PAPAI₁ DAR₁.

‘(Elek) deu (para mim₁), o papai (elek) deu (para mim₁)’.

Em (40), os pontos foram estabelecidos em locais “reais”, isto é, o local em que estavam os referentes no contexto do discurso foi usado para indicar os referentes, sem utilizar a indicação ostensiva. Dessa forma, observou-se que o uso da concordância verbal está presente, omitindo-se o sujeito e/ou objeto da sentença. Em (40a) tanto o sujeito como o objeto não foram pronunciados.

Em (41a), o sujeito não é identificado. Nesse tipo de exemplo, a identidade pode ser recuperada contextualmente. Talvez L estivesse se referindo à sua professora, mas não se pode afirmar isso, pois o ponto não foi previamente estabelecido, confundindo a identificação do referente. Em (41b) a identidade do ponto no espaço como ‘papai’ fica óbvia somente porque M a pronunciou após sua ocorrência; e a identidade do ponto espacial de primeira pessoa é adequadamente identificada, pois envolve o local real de M, a primeira pessoa do discurso, um referente presente.

Por volta dos 5 anos e meio a 6 anos e meio, a concordância verbal é usada de forma consistente pelas crianças que estão adquirindo a LIBRAS. O uso de sujeitos e objetos não realizados foneticamente torna-se comum nesse período. Também observam-se alguns exemplos com verbos que pertencem à classe dos verbos com concordância com sujeitos pronunciados. Isso foi observado quando as crianças queriam tornar mais clara a identificação da identidade do ponto espacial, assim como ocorre na linguagem adulta. Foram selecionados alguns exemplos (apresentados em (42)) que ilustram o pronome pronunciado e a sua omissão durante o discurso.

(42) G (5:11)

a. RATO₁ PEQUENO₁ PEGAR₁ ELA BRABA₁ PEGAR₁ ELES₁ MEDO₁.

‘O ratoi pequeno (elei) pegou (elej). Ela ficou braba pois (elei) pegou (elesjy). Elesjy têm medo’.

b. GATO_r MEDO RATO_k RATO_k PEGAR_r RATO PEGAR_r
 DOIS GATO_r CACHORRO_v RATO PEGAR_v FUGIR_v
 MENINA OLHAR_v SURPRESA RATO PEQUENO_v.
 'O gato tem medo do rato. O rato pega (elej)'. O rato pega os dois: o gato e o cachorro. O rato pega (elesjy). Eles fogem. A menina olha (para elesjy) e fica surpresa porque o rato é pequeno'.

Nesse estágio, foi observado o estabelecimento de pontos espaciais com referentes presentes e não presentes. Em (42a), apresenta-se uma sentença em que G utilizou os pontos com os referentes presentes. Em (42b), há uma sentença em que G utiliza pontos estabelecidos no espaço com referentes ausentes do contexto do discurso. As duas sentenças produzidas referem-se à mesma história.

Observa-se em (42) que, quando se trata de referentes ausentes do discurso, há uma necessidade bem maior de definir claramente esses referentes no espaço para que não haja problemas na identificação dos pontos espaciais. Essa necessidade é devidamente observada por G.

REFLEXÕES FINAIS

A partir da descrição de alguns aspectos da sintaxe da LIBRAS envolvendo, principalmente, a questão do movimento, visou-se demonstrar que esta língua parece apresentar fenômenos que ilustram a capacidade dos seres humanos para a linguagem, independente da modalidade em que se expressam as línguas. A partir do que foi analisado, surgem algumas questões: (a) Os elementos duplos são realmente elementos de concordância da mesma forma que aqueles descritos em línguas com verbo final? (b) Se o são, qual a explicação para o fato de a LIBRAS ter a ordem SVO como ordem básica e apresentar tal elemento de concordância? Se, de fato, esse elemento de concordância se realiza através da repetição de núcleos, qual a repercussão disso para as análises de Kayne (1994) quanto à LCA e para o programa de investigação minimalista (Chomsky, 1993, 1995)? A direcionalidade do movimento é realmente relevante para a Teoria da Gramática?

Todas essas questões precisam ser investigadas e parece que a LIBRAS apresenta fenômenos que podem contribuir para tais pesquisas. Além disso, ao analisar-se tais questões ter-se-á subsídios

para verificar o processo de aquisição desses fenômenos em crianças surdas filhas de pais surdos.¹¹

Quanto à aquisição da língua de sinais, todos os estudos mencionados concluíram que esse processo ocorre em período análogo à aquisição da linguagem em crianças adquirindo uma língua oral-auditiva. Assim sendo, mais uma vez, os estudos de aquisição da linguagem indicam universais lingüísticos.

Considerando o estudo de Quadros (1995) com crianças surdas filhas de pais surdos sinalizadores da LIBRAS, pode-se sugerir que os dados analisados na ASL em relação à sintaxe espacial apresentam são semelhantes aos dados analisados na LIBRAS. Diante disso, sugere-se que o processo de aquisição desses aspectos observados envolva aspectos universais.

Referências bibliográficas

- BELLUGI & KLIMA, E. Properties of visuospatial language. Paper for *International Congress: Sign Language Research and Application, Conference*. Siegmund Prillwitz (ed.) Hamburg, March 23-25, 1990.
- BELLUGI, U., LILLO-MARTIN, D., O'GRADY, L., VANHOECK, K. The development of spatialized syntactic mechanisms in american sign language. In: EDMONDSON, W. H., KARLSON, F. (eds.) *The Fourth International Symposium on Sign Language Research*. Hamburg: Signum-Verlag Press. 1990. p. 16-25.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language*. New York: Praeger, 1986.
- . A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K. Keyser, S. J. (eds.) *The view from building 20: essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Massachusetts: MIT, Cambridge, 1993. p. 1-52.
- . Bare Phrase Structure. In: WEBELHUTH, G. *Government and Binding and the Minimalist Program*. Oxford & Cambridge USA: Blackwell, 1995a. p. 383-440.
- . *A Minimalist Program for linguistic theory*. MIT, 1995.
- EPSTEIN, S. D. Derivational constraints on A' chain formation. *Linguistic Inquiry*, v. 23, n. 2, p. 235-259, 1992.
- FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, PE, 1989.
- FISCHER, Susan. Verb inflections in american sign language and their acquisition by the deaf child. Paper presented at the *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. [s.l., s.n.], 1973.
- . The head parameter in ASL. In: EDMONDSON, W. H., KARLSON, F. (eds.) *SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research*. Lappeenanta, Finland July 15-19, 1987. Hamburg: Signum-Verlag, 1990. v. 10, p. 75-85.

¹¹ Tais fenômenos estão sendo investigados por Quadros (em elaboração). Dados da produção em sinais de uma criança surda filha de pais surdos estão sendo coletados numa perspectiva longitudinal.

- HOFFMEISTER, Robert James. *The development pronouns, locatives and personal pronouns in the acquisition of American Sign Language by deaf children of deaf parents*. Minnesota, 1978. Doctoral Thesis, University of Minnesota.
- KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. Porto Alegre, 1994. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes, PUCRS.
- KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Linguistic Inquiry. Monograph Twenty-Five. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1994.
- LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan, 1986.
- . Parameters for Questions: Evidence from wh-Movement in ASL. In: LUCAS, C. (ed.) *Sign language research – theoretical issues*. Washington: Gallaudet University Press, 1990. p. 211-222.
- MEIER, R. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language*. University of California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April, 1980.
- NEIDLE, C., KEGL, J., BAHAN, B., AARONS, D., MACLAUGHLIN, D. Rightward Wh-movement in American Sign Language. In: RIEMSDIJK, H. van, LedBLANC, D., Beermann, D. (eds.) *Rightward Movement*. Amsterdam: John Benjamins. (in press)
- PETTITTO, L. On the autonomy of language and gesture: evidence from the acquisition of personal pronouns in american sign language. In: *Cognition*, Elsevier Science Publisher B.V., v. 27, p. 1-52, 1987.
- . Babbling in the manual mode: evidence for the ontogeny of language. *Science*, American Association for the Advancement of Science, v. 251, p. 1397-1556, 1991.
- PETTITTO, L., BELLUGI, U. Spatial cognition and brain organization: clues from the acquisition of a language in space. In: SILES-DAVIS, Mark Krijchevsky, BELLUGI, Ursula (eds.) *Spatial cognition: brain bases and development*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1988. p. 299-325.
- PETRONIO, K., LILLO-MARTIN, D. WH-movement and the of spec CP: evidence from ASL. To appear in *Languages*, Dec. 1996.
- QUADROS, R. M. de. As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição. Porto Alegre, 1995. Dissertação de Mestrado. PUCRS.
- . *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SIPLE, P. *Understanding language through sign language research*. New York, San Francisco, London Academic 1 Press, 1978.